

## FRONTIN, PEDRO DE

\*militar; ch. EMA 1920-1922; min. STM 1926-1938.

*Pedro Max Fernando de Frontin* nasceu em Petrópolis (RJ) no dia 8 de fevereiro de 1867, filho de João Gustavo de Frontin e de Eulália Hyppolite Rose de Frontin, franceses. Era irmão do engenheiro André Gustavo Paulo de Frontin (1860-1933), que durante o governo de Rodrigues Alves (1902-1906) notabilizou-se como um dos principais colaboradores do prefeito Pereira Passos na remodelação urbanística do Rio de Janeiro, então Distrito Federal.

Fez seus primeiros estudos em uma escola da Instrução Pública da Corte, no externato do Colégio Pedro II e no Colégio Naval. Ingressou em 1882 na Escola Naval, tornando-se em 1884 guarda-marinha e depois segundo-tenente. Promovido a primeiro-tenente em 1886, recebeu as patentes de capitão-tenente em 1890 e capitão de corveta em 1902.

Imediato do encouraçado *Deodoro*, em novembro de 1904 participou da mobilização de forças em resposta ao levante da Escola Militar e, em seguida, da repressão à Revolta da Vacina, que a pretexto de combater a obrigatoriedade da vacinação contra a febre amarela ensejou o desencadeamento da insatisfação popular com o governo.

Nomeado comandante da Escola de Aprendizes Marinheiros do Rio Grande do Sul em maio de 1905, permaneceu no cargo até o ano seguinte, quando regressou à capital federal e assumiu a direção da Escola de Timoneiros e o comando do navio-escola *Primeiro de Março*. Em abril de 1907, foi nomeado chefe de gabinete do ministro da Marinha, almirante Alexandrino de Alencar, mas só ocupou o cargo até dezembro do mesmo ano.

Em janeiro de 1908 partiu para Glasgow, na Escócia, com a missão de trazer para o Brasil o contratorpedeiro *Piauí*, do qual havia sido nomeado comandante. Retornou ao Rio apenas em fevereiro de 1909, e em agosto do mesmo ano tornou a ser designado para a chefia de gabinete do ministro da Marinha. Em agosto de 1910 foi promovido a capitão de fragata, e em novembro deixou o ministério para assumir o comando do cruzador *Rio Grande do Sul*. Quando, no dia 22 desse mesmo mês eclodiu a chamada Revolta da Chibata, em protesto contra os castigos corporais que ainda eram impostos aos marinheiros da Armada, participou da repressão ao movimento, sufocando um motim a bordo do *Rio Grande do Sul*.

e engrossando o bombardeio à ilha das Cobras, onde se encontrava o batalhão naval insurreto.

Promovido a capitão de mar e guerra em dezembro de 1912, no mês seguinte deixou o comando do *Rio Grande do Sul* e assumiu a chefia da 1ª Seção do Estado-Maior da Armada (EMA), que ocupou apenas até maio de 1913. Em seguida, comandou o encouraçado *São Paulo* até janeiro de 1915, quando foi nomeado comandante do Corpo de Marinheiros Nacionais. Em maio foi promovido a contra-almirante, e em julho deixou o Corpo de Marinheiros para assumir o comando da 2ª Divisão Naval, composta dos cruzadores *Barroso*, *Rio Grande do Sul* e *Bahia*. No ano seguinte, foi enviado como embaixador extraordinário à posse do presidente da Argentina.

Em 1917, a 2ª Divisão Naval foi extinta, e Frontin foi designado comandante da Divisão Naval Sul. Quando, em outubro do mesmo ano, o Brasil declarou guerra ao Império alemão, foi escolhido para comandar a Divisão Naval em Operações de Guerra (DNOG). Nomeado em janeiro de 1918, assumiu o comando da DNOG em fevereiro. Faziam parte dessa força os cruzadores *Bahia* e *Rio Grande do Sul*, os contratorpedeiros *Piauí*, *Rio Grande do Norte*, *Paraíba* e *Santa Catarina*, o cruzador auxiliar *Belmonte* e o rebocador *Laurindo Pita*.

As primeiras unidades da DNOG começaram a deixar o porto do Rio em maio de 1918, com destino a Freetown (Serra Leoa). Em Dacar, no Senegal, os navios foram atingidos por uma forte epidemia, que vitimou 464 homens da guarnição, composta de dois mil marinheiros e oficiais. Foi necessário enviar reforços do Rio de Janeiro para recompor a tripulação.

A DNOG, agregada à capitânia das forças navais inglesas do litoral ocidental da África, tinha como missão proteger a linha de embarcações que circulavam na área, infestada de submarinos alemães. Com a decretação do armistício em novembro de 1918, a DNOG retornou ao Brasil, onde chegou em junho de 1919 e foi dissolvida.

Em julho de 1919, Pedro de Frontin foi nomeado diretor da Escola Naval de Guerra, e ali permaneceu até janeiro de 1920, quando foi nomeado chefe do EMA. Promovido a vice-almirante em maio seguinte, foi exonerado da chefia do EMA em novembro de 1922. Em seguida, ocupou o cargo de diretor-geral do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro.

Em novembro de 1926, foi nomeado ministro do Superior — então Supremo — Tribunal

Militar (STM), deixando o serviço ativo. Eleito vice-presidente do STM em 1931 e reeleito em 1932, ascendeu à presidência do tribunal em julho de 1934 com a aposentadoria do marechal José Caetano de Faria, vindo a ser reeleito em 1936.

Foi aposentado compulsoriamente em fevereiro de 1938, por ter atingido o limite de idade previsto na Constituição para o cargo. Reformado em seguida, faleceu no Rio de Janeiro, solteiro, no dia 6 de abril de 1939.

*Robert Pechman*

FONTES: ALMEIDA, A. *Dic.*; CONSULT. MAGALHÃES, B.; *Encic. Mirador*; *Grande encic. Delta*; *Grande encic. portuguesa*; LAGO, L. *Conselheiros*; MACEDO, R. *Efemérides*; MIN. GUERRA; *Almanaque*; MIN. MAR. *Almanaque* (1934); NOGUEIRA, F. *Supremo*; SERV. DOC. GER. MARINHA; SILVA, H. 1937.